

O Casamento Homoafetivo nos EUA e o *Facebook*: Uma Análise Sobre as Potencialidades da Cibercultura¹

Manoella Fortes FIEBIG²
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Resumo

No dia 26 de junho de 2015 os EUA legalizaram o casamento homoafetivo em todo o seu território nacional. No mesmo dia, cerca de 26 milhões de usuários do *facebook* utilizaram o aplicativo desenvolvido pela própria rede social para colorir suas fotos de perfil, manifestando apoio à decisão da Suprema Corte dos EUA. Tomando o fato como objeto empírico, este trabalho visa analisar o episódio como um fenômeno de comunicação e, especialmente, como uma manifestação prática do conceito de cibercultura. Tendo como base as teorias de Pierre Lévy e Francisco Rüdiger, este trabalho tem como objetivo responder o seguinte questionamento: Como podemos enquadrar o episódio das fotos coloridas dentro dos conceitos trazidos por estes dois autores?

Palavras-chave: comunicação; cibercultura; casamento homoafetivo; *facebook*.

Introdução

Em junho de 2015, o mundo viu os Estados Unidos legalizarem o casamento homoafetivo em todo seu território nacional. A lei, que obriga todos os estados norte-americanos a reconhecerem a legalidade do casamento entre pessoas do mesmo sexo, foi aprovada por cinco votos a quatro na Suprema Corte dos EUA. No mesmo dia, 26 de junho, Barack Obama, o presidente dos EUA, comemorou a notícia e publicou, em sua conta no *twitter* a seguinte frase: “*Today is a big step in our march toward equality. Gay and lesbian couples now have the right to marry, just like anyone else*”³ (tradução: “É um grande passo na nossa marcha em direção à igualdade . Casais de gays e lésbicas têm agora o direito de se casar, como qualquer pessoa”). Além disso, o presidente norte-americano utilizou a *hashtag* #lovewins, e, em uma clara manifestação de apoio à decisão da Suprema Corte, a *White House* modificou sua foto do perfil no *facebook*, colorindo seu prédio com as cores do arco-íris (ANEXO I). Já no Brasil, a Presidente Dilma Rousseff também comemorou a decisão dos EUA e modificou sua foto do perfil do *facebook* (ANEXO II)

¹ Trabalho apresentado no GP de Cibercultura – XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7 de setembro de 2015

² Jornalista, bolsista CAPES e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: manoellaff@gmail.com

³ Perfil de Barack Obama no *twitter*: <https://goo.gl/hL3RH4>

com o auxílio do aplicativo desenvolvido pela própria rede social que inseria, automaticamente após um clique, um filtro nas cores do arco-íris (cores que representam a diversidade sexual e foram assimiladas pelo movimento LGBT como sua bandeira) na foto do perfil dos seus usuários. Na mesma onda, políticos de todo o mundo, empreendedores, celebridades da *web*, artistas, músicos e uma diversidade de pessoas que têm acesso à rede social fizeram o uso da ferramenta para modificarem suas fotos e, assim, fazerem o *check-in* – marcarem presença via *web* – neste fato histórico.

Segundo informações do Jornal Zero Hora, 26 milhões de usuários do *facebook* utilizaram a ferramenta para aplicar o filtro colorido em suas fotos do perfil, porém, esse número, segundo dados divulgados pela própria rede social, não chega à marca de 2% do total de usuários ativos em todo o mundo. Mesmo assim, muitos usuários tiveram a impressão de que “todo o mundo” havia mudado a sua foto do perfil. Para quem estava *online* naquele dia, o fato foi visível e quase comprovado pela análise superficial de suas *timelines*.

Os jornalistas de Zero Hora, Gustavo Foster e Felipe Martini, alguns dias depois, tiveram essa mesma impressão e decidiram desvendar o que havia causado esse sentimento de “todo mundo trocou a foto” e publicaram, no dia 29 de junho, a matéria “Um arco-íris para poucos: Menos de 2% dos usuários do Facebook utilizaram arco-íris em foto de perfil”⁴.

No texto, os jornalistas tentam achar explicações para esse sentimento de proximidade e pertencimento que tomou conta da rede social naquele dia. Segundo eles

Parte dessa explicação está na forma como funcionam os algoritmos criados por Mark Zuckerberg e sua equipe. A linha do tempo de todos os usuários é baseada em diversas premissas prestabelecidas pelo próprio *Facebook* – elas têm a ver com proximidade física, curtidas, amigos, assuntos preferidos e mais uma série de fatores, que podem enfatizar ou esconder postagens de certas pessoas ou sobre certos assuntos da sua rede social. (ZERO HORA, *online*)

Para tanto, os jornalistas consultaram Fábio Goveia, coordenador do Laboratório de Estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) para tentarem explicar como esses algoritmos da rede social podem influenciar no conteúdo que recebemos em nossas próprias linhas do tempo: “– O que responde a essa dúvida é a política de entrega de dados do *Facebook*”, ressalta o pesquisador. “Ela usa uma escala que evidencia na sua *timeline* o que é mais próximo de você, e o algoritmo consegue ver o comportamento das pessoas de maneira muito precisa” (ZERO HORA, *online*). Em

⁴ Matéria: “Menos de 2% dos usuários do Facebook utilizaram arco-íris em foto de perfil”. Link: <http://goo.gl/Ct5zLy>

resumo, continua Fábio Gouvea: “enxergamos o mundo mais ou menos colorido dependendo do que as pessoas mais próximas da gente falam”, ou seja, recebemos em nossas linhas do tempo, geralmente, assuntos que têm alguma ligação com nossas próprias informações disponibilizadas em nossos perfis, notícias que têm afinidades conosco, bem como assuntos que geram nosso interesse ou dos nossos amigos.

A pesquisadora e professora da Universidade Católica de Pelotas, Raquel Recuero, também foi consultada para ajudar a entender o fenômeno. Para ela

Outro fator que ajuda a explicar a sensação de onipresença das fotos com arco-íris para algumas pessoas é a escala de relevância que certas atividades têm dentro do Facebook: mudar a foto do perfil é uma das ações mais relevantes – se não a mais relevante – que um usuário pode praticar na rede social. (ZERO HORA, *online*)

Neste sentido, a pesquisadora ressalta que, ao mudarmos nossas fotos de perfil, estamos realizando uma das atividades mais expressivas dentro da rede social e isto gera maior visibilidade do que um simples compartilhamento de vídeo, por exemplo.

Se Zero hora tentou explicar esse fenômeno por meio da política de algoritmos da própria rede social, nós tentaremos, neste artigo, explicá-lo pelo viés da cibercultura, entendendo que, dentro do ciberespaço e levando em consideração as características intrínsecas do ambiente virtual, o fato se caracteriza, expressamente, como uma manifestação da cultura ciber: do sentimento de “irresistível inundação humana”, nas palavras de Pierre Lévy (1999. p.14).

A cibercultura

A vida contemporânea é permeada pelas mídias digitais. A internet possibilita a conexão entre pessoas e grupos do mundo inteiro, bem como a comunicação entre empresas e o mercado financeiro. Nestes tempos em que a conexão é um fator onipresente nas casas, escolas e empresas, sentimos a necessidade de pensar as formas de se comunicar e estudar como se configuram estas redes de relacionamento que possibilitam a interação entre meios, entre mensagens e, principalmente, entre os atores sociais.

O que nos interessa, entretanto, são as relações entre os seres humanos conectados e as novas formas que estes se utilizam para se expressar, num ambiente criado especialmente pelo advento da internet. Para Lévy (1999), “estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação”, e, essencialmente, cabe a nós, seres humanos conectados, “explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano” (1999, p. 11).

Adriana Amaral, em 2010, publicou um artigo comparando a produção científica brasileira e norte-americana acerca da temática “cibercultura”, em seu estudo, a autora traz uma compilação de vários autores em forma de citações diretas para tentar explicar, com os textos de outros autores, o que, naquele trabalho, ela entendia como cibercultura. Amaral (2010) relata que

Macek (2005) aponta a quatro sentidos para cibercultura: 1) projeto utópico; 2) interface cultural para a sociedade da informação; 3) práticas culturais e estilos de vida (em uma indicação claramente antropológica); e 4) uma teoria da nova mídia. Lemos (2002) a relaciona com a cultura contemporânea e os sintomas da cultura da pós-modernidade, articulado através da relação entre técnica e sociedade. Para Rüdiger (2008, p.27), no entanto, a cibercultura é uma nova fase da ‘indústria cultural’ que ‘recicla o folclore mercantil da era das massas, embora também veicule uma alternativa’. Já a proposição de Felinto (2007) é de ordem epistemológica em relação às teorias da comunicação, ampliando a noção de cibercultura para um campo de conhecimento em construção no qual se apreende teoricamente a tecnocultura contemporânea e os meios digitais de comunicação. Para o autor, a cibercultura é apresentada como herdeira da modernidade” (AMARAL, 2010, p. 64)

A citação acima demonstra bem o quadro de estudos teóricos sobre cibercultura, uma vez que, desde os anos 1990, com a popularização da internet, muitos pesquisadores se ocuparam da reflexão e posterior pesquisa acadêmica para desvelar as facetas, as práticas e as possibilidades criadas pelo espaço virtual. O termo ciberespaço, que nos interessa neste trabalho, é explicado por Francisco Rüdiger em sua obra “As teorias da cibercultura – perspectivas, questões e autores”. No texto, o autor traz uma verdadeira investigação teórica de outros autores que cunharam os termos “ciberespaço” e “cibercultura” mesmo antes da expansão acelerada da internet, a fim de localizar estes estudos anteriores em uma cronologia histórica. Primeiro, traz a história da internet como um alicerce para o surgimento de um ciberespaço; em segundo, o autor divide os pensadores da tecnologia em três categorias específicas: os populistas tecnocráticos, conservadores midiáticos e os cibercriticistas; e por último, traz uma reflexão de vertente filosófica sobre as implicações culturais do desenvolvimento do ciberespaço, realiza uma explanação sobre o lado negativo da cibercultura e o futuro do futuro: o pós-humano e o pensamento cibernético, e a máquina como uma extensão do homem (temas, inclusive, que se encontram também em outra obra do autor, “Cibercultura e Pós-Humanismo”, de 2008).

Nesta obra, o que nos interessa são os conceitos de cibercultura trazidos pelo autor, (resultantes da compilação de vários conceitos de outros teóricos que, como ele, também se dedicaram a estudar as transformações decorrentes da era digital) e suas implicações sociais, bem como a divisão dos conceitos teóricos. Neste sentido, para Rüdiger (2013)

A cibercultura pode ser entendida como uma formação histórica de cunho prático e cotidiano, cujas linhas de força e rápida expansão, baseadas nas redes telemáticas, estão criando, em pouco tempo, não apenas um mundo próprio, mas, também, um campo de interrogação intelectual pujante, dividido em várias tendências de interpretação. (RÜDIGER, 2013, p. 7)

O autor parte deste pressuposto para trazer a divisão das correntes de pensamento que se popularizaram sobre o assunto. Para ele, os autores que estudam a cibercultura são divididos em:

1. Populistas tecnocráticos: são aqueles que representam a tendência tecnófila. Segundo Rüdiger (2013), neste grupo encontram-se os “advogados de defesa” da tecnologia e das suas virtudes morais, econômicas e políticas. São os entusiastas da tecnologia;
2. Conservadores midiáticos: ao contrário, deste grupo fazem parte os promotores de acusação política e moral ao fenômeno da cibercultura. São os considerados tecnófobos, que olham a tecnologia por um viés crítico e receoso;
3. Cibercriticistas: são os pensadores de uma vertente estritamente reflexiva. Primam a análise da cibercultura levando em conta os problemas e soluções que a tecnologia pode oferecer aos sujeitos sociais.

Estas considerações iniciais nos servem para demonstrar o quanto a temática sobre cibercultura já vem sendo trabalhada no ambiente acadêmico, cabendo, inclusive, à esta categorização para dividi-los por corrente de pensamento. Analisamos, entretanto, que alguns autores podem se enquadrar em mais de uma categoria: é o caso de Pierre Lévy. O autor traz contribuições sobre a cibercultura que nos parecem vindas de um prisma tecnófilo e, por vezes, criticista. Para Lévy (1999) o ciberespaço

“é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p. 17)

Além disso, o autor também se preocupa em explicitar sua interpretação sobre o termo “cibercultura”. Lévy (1999) considera como cibercultura “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (1999, p. 17). Sendo assim, neste artigo, vamos trabalhar com estes dois conceitos: a cibercultura como conjunto de

práticas, atitudes e pensamentos – de Lévy; e como formação histórica de caráter prático e cotidiano – de Rüdiger.

Neste sentido, Martino (2014) ressalta que, para Lévy, o termo cibercultura designa

A reunião de relações sociais, das produções artísticas, intelectuais e éticas dos seres humanos que se articulam em redes interconectadas de computadores, isto é, no ciberespaço. Trata-se de um fluxo contínuo de ideias, práticas, representações, textos e ações que ocorrem entre pessoas conectadas por um computador – ou algum dispositivo semelhante – a outros computadores. (MARTINO, 2014, p. 27)

Exemplificando, nas palavras de Martino, a cibercultura não é apenas um marco na cultura da humanidade contemporânea, mas um impulso para novas práticas sociais, pois provoca uma série de particularidades provenientes deste novo espaço de conexão. “Em outras palavras é a cultura – entendida em seu sentido bastante amplo, como a produção humana, seja material, simbólica, intelectual – que acontece no ciberespaço” (MARTINO, 2014, p. 27), conclui o autor.

Neste ponto é que introduzimos nossa questão norteadora deste trabalho: a partir destas definições, como enquadramos o episódio das fotos coloridas com o arco-íris, dentro da cibercultura? Esta adesão “em massa” ao aplicativo que coloria as fotos no *facebook*, pode ser considerada como uma manifestação cibercultural?

Martino (2014) nos lembra que, quando pensamos em tecnologia, precisamos esclarecer que ela não tem um caráter intrínseco positivo ou negativo. Este é um questionamento antigo, trazido por Lévy (em sua obra intitulada “Cibercultura”), e que pode ser considerado pertinente até os dias de hoje. Para Lévy (1999), a tecnologia não é boa, tampouco má, é, sim, neutra. Martino (2014) cita que “isso não significa dizer que, na cibercultura, a tecnologia determina as ações humanas” (2014, p. 28), pois Lévy, em seus estudos, já dizia que “uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas. E digo *condicionada*, não *determinada*” (LÉVY, 1999, p. 25).

Exemplificando, quando pensamos em uma nova tecnologia, devemos lembrar que ela pode ser usada de diversas maneiras pelos atores sociais, ou seja, somos nós quem determinamos seus usos e aplicações. Lévy exemplifica este conceito citando a invenção do estribo (apetrecho utilizado por cavaleiros para apoiar os pés em cima do cavalo):

A invenção do estribo permitiu o desenvolvimento de uma nova forma de cavalaria pesada, a partir da qual foram construídos o imaginário da cavalaria e as estruturas políticas e sociais do feudalismo. No entanto, o estribo, enquanto dispositivo material, não é a causa do feudalismo europeu. [...] Podemos dizer, em contrapartida, que, sem o estribo, é difícil

conceber como cavaleiros com armaduras ficariam sobre seus cavalos de batalha e atacariam com a lança em riste... O estribo *condiciona* efetivamente a toda a cavalaria e, indiretamente, todo o feudalismo, mas não os determina. Dizer que a técnica condiciona significa dizer que abre algumas possibilidades” (Lévy, 1999, p. 25)

Isto quer dizer que, por mais que o estribo, à época, fosse uma tecnologia poderosa, ela foi utilizada a favor do feudalismo, como poderia ter sido utilizada para o fomento da produção agrícola. Neste sentido, o uso que os seres humanos fizeram desta tecnologia é que condicionou a interpretação para sua face má ou boa.

Cibercultura na prática

Analisando nosso objeto empírico (o *facebook*) e as possibilidades que a rede social, enquanto tecnologia, nos propicia, podemos pensar em exemplos práticos destas duas faces da técnica (como explicamos no item anterior) dentro do ciberespaço. Por exemplo, no Brasil, em 2013, a mobilização dos usuários do *facebook* em relação a assuntos referentes ao governo federal teve um impacto externo, na vida real. O modo como a rede social foi utilizada por determinados usuários da rede social foi um dos propulsores para fomentar a consciência coletiva e o sentimento de “indignação nacional” – se este uso foi bom ou mau, são outros questionamentos que dependem exclusivamente da interpretação do leitor – e do usuário do *facebook* –, já que partimos do pressuposto de que a tecnologia é neutra.

Nestes casos, os usuários utilizaram a rede social como um recurso de fomento para a consciência crítica, cívica e social. Sendo assim, a rede social foi um *condicionante* das manifestações que preencheram ruas e avenidas das principais capitais brasileiras com as cores verde e amarelo, com gritos de guerra e com pedidos fundamentados em diversas pautas (cada um com sua luta, unidos, pelo apelo virtual).

Como este, existem outros vários exemplos de como a tecnologia pode *condicionar* atitudes e práticas na sociedade. Este conceito vale tanto para o ambiente real, *off-line*, quanto para uma esfera virtual.

Levando em consideração a diversidade de conceitos trazidos no referencial teórico acima, podemos definir a cibercultura como o surgimento de uma nova cultura (de práticas, atividades, costumes e hábitos) que encontrou no ambiente virtual sua morada. São diversas as manifestações práticas deste conceito, seja em redes sociais, em sites de notícias, portais, blogs, games, etc. A cibercultura é um conceito intrínseco ao cotidiano da sociedade moderna, mesmo inconscientemente, já assimilamos a conceituação do termo de maneira

naturalizada: quando participamos de um *quizz*, respondendo perguntas; quando comentamos em reportagens em portais de notícias, quando compartilhamos assuntos de nosso interesse. Todas essas ações constituem formas de manifestação de uma cultura virtual.



Figura 1: reprodução *facebook*

FONTE: Autor

Sendo assim, no dia 26, a diversidade de pessoas que acessou o aplicativo do *facebook* para modificar suas fotos do perfil em adesão ao movimento de apoio ao casamento homoafetivo, estava involuntariamente aderindo à outro movimento: o da cibercultura. Naquele dia, cerca de 26 milhões de pessoas confirmaram os conceitos cunhados por Pierre Lévy, Francisco Rüdiger e tantos outros pesquisadores que se dedicaram a estudar essas novas práticas que nasceram junto com o ambiente virtual. A

relação entre pessoas, possibilitada por computadores ou dispositivos conectados à internet, é permeada por práticas que só podem ser possíveis dentro deste espaço: como conversar com uma pessoa do outro lado do mundo por meio de uma chamada de vídeo no *Skype*; utilizar mapas com imagens de satélite para encontrar lugares para comer, cafés, restaurantes, hotéis; quando baixamos *games* com conexão direta com nossas redes sociais e contamos com o auxílio de outros amigos para conseguir energia (moedas de troca em *games online*).

Considerações Finais

Neste trabalho buscamos aperfeiçoar o entendimento acerca do conceito de cibercultura, demonstrando exemplos práticos de como este termo se manifesta no cotidiano de nossa sociedade contemporânea. Entretanto, não basta explicarmos e exemplificarmos a cibercultura se não pensarmos na dimensão social do termo, entendendo que toda técnica, ou tecnologia tem uma perspectiva social intrínseca, já que toda nova tecnologia nasce no berço de uma sociedade que sente a necessidade cada vez maior de manter-se conectada e, especialmente, relacionada com outras pessoas.

Pensar a cibercultura é, a partir de agora, mais do que uma prática acadêmica: é sim, uma prática que vai além dos livros e dos conceitos. Vemos a cibercultura emergir em um tempo de globalização acelerada e de novas práticas que surgem com o advento das novas formas de inteligência. A cibercultura é o momento de nossas vidas, é o conjunto de práticas que nos ajuda a trabalhar, a organizar nossas finanças, nossas viagens, a nos relacionar com pessoas distantes, enfim, a cultura virtual é, hoje, todo esse aglomerado de atividades que desempenhamos dentro de um ciberespaço que não conhece fronteiras espaciais ou temporais: a cibercultura, assim como o ciberespaço, não vê limites.

Sendo assim, este trabalho abre portas para refletir sobre a extensão prática deste termo, já que consideramos a cibercultura como algo naturalizado em nosso cotidiano. Os rituais que antes eram cultivados em volta do rádio, ou da televisão, hoje se misturam num universo oceânico de informações e interatividades permitidas pelo ciberespaço. Vemos, desta forma, que as pesquisas na área precisam, essencialmente, explicitar os hábitos que surgem, e são aperfeiçoados, com a conexão pela internet. Vimos, desta forma, que o episódio das fotos coloridas no *facebook* pode, sim, se encaixar como uma prática cibercultural, uma vez que demonstra o uso que as pessoas fazem de uma nova tecnologia e,

acima de tudo, é uma manifestação social do poder da técnica, como Lévy ressalta quando afirma que “a distinção traçada entre cultura (a dinâmica das representações), sociedade (as pessoas, seus laços, suas trocas, suas relações de força) e técnica (artefatos eficazes) só pode ser conceitual” (1999, p. 22). Pensando nesta afirmação é que entendemos que toda técnica tem uma dimensão social intrínseca e, por conseguinte, toda manifestação social dentro do ciberespaço pode ser considerada como parte de uma cultura virtual: de uma cibercultura.

Referências Bibliográficas

AMARAL, Adriana. MONTARDO, Sandra Portella. **Pesquisa em cibercultura e internet: estudo exploratório-comparativo da produção científica da área no Brasil e nos Estados Unidos**. In: Conexão – Comunicação e Cultura. UCS, Caxias do Sul, v. 9, n.18. 2010

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª edição ed. Aleph, 2006.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2014

LÉVY, Pierre. **Cibercultura** – São Paulo, Editora 34. 1ª edição, 1999

RÜDIGER, Francisco. **As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores** – Porto Alegre: 2ª edição, Sulina, 2013.

RÜDIGER, F. **Cibercultura e pós-humanismo**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

ANEXOS

ANEXO I – A casa branca, colorida:



The White House
26 de junho · 🌐

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 Mark Zuckerberg, Marcelo Tas, Liz Heron e outras 792.338 pessoas curtiram isso.
224.601 compartilhamentos

Samuel Martin Lowery I like to consider myself somewhat Patriotic. But after today's ruling by the Supreme Court, I feel so American right now. Like a full-on 100% American.
Ver tradução
Curtir · Responder · 👍 13.360 · 26 de junho às 11:18
↳ 567 Respostas

Charlie Smith Now lets end the war on drugs.
Ver tradução
Curtir · Responder · 👍 4.803 · 26 de junho às 11:19
↳ 202 Respostas

Jason Albright Amendment XIV
Section 1... Ver mais
Ver tradução
Curtir · Responder · 👍 1.607 · 26 de junho às 11:20

Escreva um comentário...

ANEXO II – a Presidente Dilma Rousseff



Dilma Rousseff
26 de junho · 🌐

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 270.164 pessoas curtiram isso. Mais relevantes ·
12.172 compartilhamentos

Victor Cardoso Dilma, a senhora esta destruidora ! #lovewins
Curtir · Responder · 👍 3.823 · 26 de junho às 19:18
↳ 110 Respostas

Tony Everton DILMÃE DAS GAY! ❤️❤️❤️
Curtir · Responder · 👍 2.183 · 26 de junho às 19:18
↳ 64 Respostas

Luan Canabarro AGORA PRESSIONA O CONGRESSO DILMA! VAMOS LÁ!
Curtir · Responder · 👍 12.548 · 26 de junho às 19:18
↳ 314 Respostas

Francieli Bitencourt Muda a foto do perfil mas não muda o Brasil parabéns Dilminha
Curtir · Responder · 👍 17.423 · 26 de junho às 19:24

Escreva um comentário...